

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

### PROSA E VERSOS ESQUECIDOS EM *BALÃO CATIVO*, DE PEDRO NAVA

Maria Alice Ribeiro Gabriel<sup>1</sup> (UEPB)

RESUMO: Memórias pessoais são convencionalmente vistas como um campo dedicado à preservação do passado. Entretanto, nos últimos anos, cresceram as controvérsias e as pesquisas referentes à representação de ficção e não-ficção em autobiografia, biografia, memórias e na “literatura de testemunho”. A memorialística de Pedro Nava ofereceu vislumbres particulares para caracterizar a função da memória em seu processo criativo e esforço para reconstruir o passado. A formação do leitor, outra questão examinada pelo memorialista, tem implicações para os estudos sobre cultura, história, memória social e literatura. Este ensaio pretende expor relatos e digressões ensaísticas presentes em *Balão cativo* (1973) concernentes ao tema da iniciação literária, assinalando alguns autores, influências e obras literárias que contribuíram para as primeiras experiências de Nava como leitor. Uma análise comparativa desses excertos sugere que Nava procura evocar histórias e reminiscências para conectar eventos do passado a perfis biográficos e questões sobre poesia, prosa, emoções e identidade pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: *Balão cativo*; iniciação literária; Pedro Nava.

As Memórias de Pedro Nava buscam efetuar a imponderável tarefa de ordenar liricamente a experiência subjetiva e transcrever fatos, impressões multifatoriais, e ideias da vida consciente e inconsciente por meio de imagens. Artífice e exegeta do processo mnemônico, sua prosa comporta autobiografia e biografia, crônica histórica e literária, relato e testemunho, formas breves da cultura oral, anedotas, casos e contos populares, além de expressões narrativas pertinentes ao colóquio, ao ensaio, à meditação e à novela.

Eileen Gregory (1994: 122) comparou a História a um modelo de entendimento que pretende uma visão lúcida das constantes da natureza humana e, portanto, do

---

<sup>1</sup> rgabriel1935@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/9257665714343943>

caráter repetitivo de eventos naturais e políticos, impulsores de decisões que testam a falibilidade do desejo e do julgamento humano. Nesta acepção, o testemunho, o simples narrar do que houve num momento significativo do passado é direcionado ao futuro, orientado de algum modo à atemporalidade. Principalmente após as Grandes Guerras Mundiais. Alon Confino, Dominick LaCapra, Michael Roth, Paul Cohen, Paul Ricoeur, Saul Friedländer e Yosef Hayim Yerushalmi avaliaram a relação histórico-cultural entre memória e testemunho, considerando a autenticidade do discurso autobiográfico. Já Angel Loureiro e Oliver Herford discutiram as características textuais e retóricas desse discurso, respectivamente, na obra de Paul de Man, em *The Ethics of Autobiography* (2000) e nos escritos autobiográficos de Henry James, em *Henry James's Style of Retrospect* (2016).

A memorialística seria, assim, gênero que percorre os trilhos paralelos da verdade e da ficção numa sociedade de consumo, desde o século XIX, economicamente favorecida pela permeabilidade das fronteiras entre arte, ciência, entretenimento e informação. Novas formas são admitidas na literatura pós-moderna, segundo Martin Paul Eve (2016: 120), a exemplo do que o crítico denominou subconto digressivo, feito de reflexões sobre a obra mestra na qual se insere e formalmente confundido com a *mise-en-abyme*.

Com a repercussão dos atos terroristas de 11 de setembro de 2001, afirmou Megan Brown (2017: 5), surge uma era na qual se intensificou a noção do indivíduo como “alvo” do poder. De forma similar, a memorialística que narra ações terroristas, a rotina dos prisioneiros de Guantánamo ou das tropas enviadas a Kabul voltou-se para uma cultura da sobrevivência e para dilemas relacionados à identidade, subjetividade e tecnologia.

Em 2006, Deborah Scranton dirigiu o primeiro documentário produzido *in loco* por combatentes que filmaram e relataram as próprias vivências na guerra do Iraque, entre março de 2004 e fevereiro de 2005. *The War Tapes* declina de expor o conflito em termos políticos, centrando-se nas situações do dia a dia. O ato de narrar consta em primeiro plano. O testemunho registrado no momento dos acontecimentos, e não coletado tempos depois, propõe novas questões sobre o papel da memória na experiência de cada narrador.

A velocidade com que se desenvolve essa pluralidade de formas narrativas e meta-gêneros, ficcionais ou não-ficcionais, desafia a crítica historiográfica e literária. Segundo Eve (2016: 120), o argumento relativo a ideia da ficção representar certa inverdade que é, todavia, plausível (e talvez, em alguns relatos, ainda mais verossímil que a não-ficção), pode ser deturpado. O criticismo, por sua vez, pretende ser verdadeiro e sincero, mas é constantemente acusado de sofismático. Logo, criticismo e ficção envolvem um tipo de luta de legitimação da verdade. As noções de “sinceridade” em ficção, porém, são difíceis de discutir pois há diferentes visões sobre o que, exatamente, significa “sinceridade”. Em *Baú de ossos* (1972), Nava reconhece a imprecisão da memória relativa à “sinceridade”:

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! Só aparentemente! – às vezes chegados à memória, vindos do esquecimento que é outra função ativa dessa mesma memória. (Nava 1974: 233-234)

O objetivo deste ensaio é expor passagens de *Balão cativo* (1973), que servem de apoio a digressões sobre o tema da memória correlacionado ao da iniciação literária do escritor. Assim, para se iniciar esta análise, é necessário retroceder no tempo, a 1911, quando, após a morte de seu marido, o médico José Pedro da Silva Nava, Dona Diva Mariana Jaguaribe Nava, “como um Robinson Crusoe dentro da ilha deserta de sua viuvez começou a mostrar seu gênio de improvisação e a fantástica capacidade de ganhar e economizar que foram sua constante até morrer” (Nava 1977: 45). Sempre empenhada na educação dos filhos: “Uma das primeiras providências que ela tomou em Juiz de Fora foi fazer-me voltar ao Colégio Andrès. Por pouco tempo” (Nava 1977: 46).

A família residiu na casa dos avós maternos do autor por dois anos, até a morte de Dona Maria Luísa da Cunha Jaguaribe, mãe de Dona Diva. Nesse meio tempo, Nava (1977: 46) refere-se vagamente às razões que o levaram a deixar os bancos de escola dos Andrès: “Então eu fui levado por minha Mãe a matricular-me no Colégio Lucindo Filho, onde se ministrava instrução ‘principalmente moral’, ‘sobretudo cívica’ – como declarava o seu pomposo diretor”, o fluminense Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho:

Ele próprio, diretor, na aula de leitura e língua nacional era sublime, declamando a *Seleta em Prosa e Verso* e os *Contos Pátrios*. Do primeiro não sei quem fez a coletânea. Jamais encontrei esse livro nos sebos, nunca pude reler sua prosa e versos esquecidos. Dentro dessa cinza brilha como brasa viva, só a história do *Castelo de Faria*. Seu Machado gostava de lê-la e sua voz ressoava cheia de nobreza na sala de aulas [...] O velho alcaide saía ao encontro dos besteiros do Adiantado de Galiza que talava aquelas terras. Deixara o filho tomando conta da honra de Faria. Numa emboscada vira seus peões e cavaleiros passados a fio de espada e ele fora subjugado, preso, amarrado em cima dum burro de carga. Teria vida salva se induzisse o filho a se entregar e mais as barbacãs que defendia. Tocam as buzinas diante da levadiça alçada e chega o moço às ameias. O pai começa a falar. Sabes tu Gonçalo Nunes, a quem pertence esse Castelo que juraste defender? A El-Rey de Portugal. Assim, antes morressem todos a

verem seus pátios maculados pela presença do galego. Lança seu último apelo: – Defende-te, Alcaide! e é espostejado ali mesmo, a machadadas, diante do filho que chorando de raiva manda sua gente descarregar flechas e virotes sobre os matadores de Nuno Gonçalves – vingado antes de esfriar. Devo essa história a Seu Machado e devo a ele e ao conto o princípio de meu interesse por Portugal. (Nava 1977: 47-48)

A profusão de detalhes com que são descritos os fatos em torno da figura do diretor é ainda mais extensa que o trecho referido e acrescenta, sem ser repetitiva, uma quantidade de informações pormenorizadas acerca de diversos aspectos do perfil, não só de Machado, como do aspirante a homem “de Letras” da primeira década do século XX:

Fora jornalista no Rio, depois em Juiz de Fora onde era ainda, poeta militante, contabilista, onde se especializara em geografia e história universal comerciais, fazia conferências, escrevia um dicionário de revisores, um romance, um epitalâmio, uma epopeia, pertencia à Academia Mineira de Letras mas era principalmente, um furioso cultor da Pátria, das suas instituições e dos seus símbolos sagrados. Era, assim, um religioso do “brava gente”, um devoto do hino à bandeira, um apaixonado do hino nacional e um fanático do “auriverde pendão de minha terra/ que a brisa do Brasil beija e balança”. (Nava 1977: 46-47)

A combinação entre os ideais românticos e republicanos, ou seja, de um século que se extingue apresentando ao seguinte uma cultura baseada no modelo europeu que privilegia a erudição e o progresso técnico, mas cujo ufanismo e algumas tônicas, como a questão abolicionista, foram absorvidas pelos valores antimonárquicos e civilistas, é representada nos versos do dramático poema “Navio Negreiro” (1868), de Castro Alves.

Deixando Juiz de Fora com o pai, o major da “briosa” Joaquim José Nogueira Jaguaribe, Dona Diva matricula Nava no Ginásio Anglo-Mineiro, cuja origem dos “pavilhões luxuosos” data de 1912, quando “[...] ‘os homens bons’ de Belo Horizonte se reuniram para criarem uma instituição que fosse, em Minas, o seu Eton e o anti-Caraça” (Nava 1977: 116). Nessa época, “a princípios de março de 1914”, Nava (1977: 133) torna-se um dos “meninos”: “Os mais velhos de nosso grupo não passavam de dez, onze anos”.

*Balão cativo* descreve muitas faces do período e sugere como possível síntese das emergentes conexões culturais, organizações e publicações da *Belle Epoque* nacional:

o Moacir Chagas – Moacir Lafaiete Macedo Chagas – também professor (sem beca) do colégio e um dos dez brasileiros mais ingleses do planeta. Ele fora atraído pelas moças de roupas esvoaçantes, saias arrastando na poeira vermelha, de cujos chapéus saíam alongados pontos de interrogação feitos

com arame revestido de seda. Esses enfeites pareciam antenas de borboleta. O Chagas começou logo a namorar e, num intervalo de conversa, subira, correndo, ao seu quarto e de lá voltara sobraçando pacote de brochuras de capa entre o róseo e o roxo desmaiado, onde se atravessava, em diagonal, o nome do livro. Chamava-se *Turibulário* e continha os desesperados poemas de sua autoria. Ofereceu um à linda prima. Um a minha Mãe, um à tia, um à Marianinha, um à Melita, um ao Durval, um a mim e ainda nos confiou mais uma boa meia dúzia para ofertarmos em casa. Ele os espalhava como prospectos do seu desespero, como volantes de sua musa pessimista e amarga. Ai! Que dor... Durante anos rolaram em nossa casa volumes dessa coletânea. (Nava 1977: 119-120)

Na rotina noturna do colégio, os alunos iam para a sala de estudo depois do jantar: “Não havia propriamente um estudo. Cada noite tínhamos ali um dos professores [...] que vinha para repisar um ou outro ponto das aulas, explicar coisas que não tinham sido esclarecidas durante as lições, simplesmente conversar ou mandar um dos meninos ler” (Nava 1977: 164). Que fim tiveram os “desesperados poemas” de *Turibulário*? Do autor desses versos, um dos retratos legados por Nava (1977: 165) é o do autêntico Dom Juan: “O caso era que o Chagas, quando viera para Belo Horizonte a trabalhar no Anglo, dera-se como viúvo. Com as liberdades desse estado namorava à grande, inclusive aluna que diariamente lhe trazia uma flor ‘para o retrato da falecida’”. Esta, como *revenant* dama dos contos de Poe, surgiria “quando o Chagas foi para o funeral e o inventário do sogro”.

É característico das Memórias de Nava produzir uma série de retratos interligados de alguém, baseando-se em arquivos familiares, documentos e publicações as mais diversas, fruto das pesquisas do escritor. A “musa pessimista e amarga” seria um extrato remanescente ou argumento para conjurar a “A Musa Venal”, de Charles Baudelaire?

Ó musa de minha alma, amante dos palácios,  
Terás, quando janeiro desatar seus ventos,  
No tédio negro dos crepúsculos nevoentos,  
Uma brasa que esquite os teus dois pés violáceos?

Aquecerás teus níveos ombros sonolentos  
Na luz noturna que os postigos deixam coar  
Sem um níquel na bolsa e seco o paladar,  
Colherás o ouro dos cerúleos firmamentos?

Tens que, para ganhar o pão de cada dia,  
Esse turbulo agitar na sacristia  
Entoar esses *Te Deum* que nada têm de novo,

Ou, bufão em jejum, exhibir seus encantos  
E teu riso molhado de invisíveis prantos  
Para desopilar o fígado do povo. (Baudelaire 1985: 126-127)

A referência a Guerra Junqueiro revela, no âmbito sociocultural, quais mestres da fortuna intelectual moderna orientavam a produção artística e intelectual daqueles dias:

Mas o bom mesmo era o dia do Chagas. [...] Esperávamos essa oportunidade ansiosamente, porque ele trazia sempre um livro para ler alto para nós. Lia bem, usando os recursos de sua bela voz e sua mímica nada ficava devendo à sua declamação. Parece que fazia essas leituras muito para seu próprio deleite, mas, assim como assim, foi quem me iniciou literariamente. Dele, ouvi, apavorado, os versos sacrílegos de *A Velhice do Padre Eterno* e as estrofes satânicas de *A Morte de Dom João*. (Nava 1977: 165)

Apesar de matizar alguns acordes, a *forma mentis* do Anglo não se cristalizava em estrutura rígida. O contraste infere-se da menção às *Poesias* (1909), de Augusto de Lima, subintituladas, “com juízos críticos de Theophilo Dias, Raymundo Correia, Lívio de Castro e Araripe Junior – Contemporaneas – Symbolos – Laudas Ineditas” e publicada, à época, pela célebre editora de H. Garnier, nº 109 da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro:

Dentro do ensino meio fantasista dos ingleses, o de D. Célia distinguia-se pela organização, seguimento e método. Tinha de quem sair, pois era filha de Seu Artur Joviano – professor e diretor da Escola Normal. Além da estrutura da língua nossa, D. Célia fazia-nos estudar seu funcionamento em prosa e verso. Mandava-nos decorar trechos de José de Alencar, Macedo, Coelho Neto, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Augusto de Lima. Foi este que me tocou para recitativo que me deixou perplexo. Era a história de um inquisidor, de mãe lacrimosa rojada a seus pés – pedindo o perdão do filho. Tocado no coração, o dominicano concede a graça e manda que o herético, em vez de queimado, fosse esquartejado apenas. Eu tive horror dessa história, onde busca raízes certo vago anticlericalismo jamais de todo espancado do meu de dentro. Sobretudo porque ao horror misturava-se a confusão. “*O Grande Inquisidor escreve à luz d’um círio,/ corre do seu tinteiro o sangue do martírio...*” – é como, parece, rezava o poema. Pois a mim a coisa se afigurava não “à luz dum círio” mas como sendo “a luz dum sírio”. Sírio, sírio de armarinho, turco da Rua dos Caetés e eu ficava bestificado, conjeturando como é que o grande inquisidor podia escrever iluminado por uma daquelas figuras rebarbativas de grandes pestanas e metro na mão. Qual deles? seria lamparina bastante. O Seu Abras? O Seu Bedran? Cada bigode um pavio, eles haviam de arder em chama dupla... (Nava 1977: 156-157)

A imagem do “inquisidor austero”, que “escreve”, permite inúmeras comparações, evocando, por associação, os princípios de Jeremy Bentham adotados por escritores e editores que fizeram da literatura pedagógica assunto de Estado a partir

do final do movimento romântico, em Portugal, e nos primeiros anos da República Velha, no Brasil:

O grande Inquisidor escreve à luz de um círio:  
corre de seu tinteiro o sangue do martírio.  
Súbito, uma mulher acerca-se da mesa  
e prostra-se: “Senhor! um dia a natureza  
bradará por meu filho, a vítima inocente,  
que amanhã vai ser posta à morte iniquamente!  
Da sentença riscai, com generoso traço,  
o confisco, o pregão, o anátema e o baraço;  
e mandai demolir a forca que abre a cova  
à decrepita mãe, à esposa ainda nova,  
e a três filhos, Senhor, entes que Cristo adora!

A maldição não tisona, é certo, a luz da aurora,  
e nem pode manchar a fronte encanecida,  
que a tarde da velhice é a aurora da outra vida.  
Como Xerxes punindo o mar com ferro em brasa,  
em vão buscais cortar a inacessível asa  
do pensamento: – o ideal é um lúcido oceano  
e uma invencível águia o pensamento humano;  
mas, se preciso for, em nome dele abjuro  
a razão, a ciência, os astros, o futuro.”

Fez-se solene pausa; e com acento triste  
fala o grande juiz: “Pois bem! mulher, feriste  
a fibra paternal do Inquisidor austero;  
volta tranquila ao lar, pois choraste, e não quero  
espalhem os clarins da vil maledicência  
que a justiça de Deus mais pode que a clemência.  
Acolhi teu clamor humilde e o vão perdoo,  
vai na paz de Jesus, por Ele te abençoo;  
quanto a teu filho amado, ileso das mais penas,  
há de ser, para exemplo, esquartejado apenas.” (Lima 2008: 17)

Não é demais transcrever por extenso os poemas mencionados pelo escritor, pois a prosa naveana consiste em sistemas de interfaces, de espelhamento entre prosa e poesia. Nava é exímio cronista e historiador da arquitetura, cultura, metodologia e regime dos colégios que frequentou, perscrutando-os desde seu estabelecimento, como o faz ao reconstituir a fundação de origem do Colégio Pedro II, no período colonial:

Façamos tábua rasa das edificações e tomemos como ponto de referência para o glorioso evento, a igreja de São Pedro – teríamos aí o marco, tornado assim, tão importante para a história de nosso ensino de humanidades como

Santa Cruz de Coimbra o foi para o universitário, em Portugal. (Nava 1977: 272).

Além do memorial erigido por Nava, as narrativas sobre o Colégio Pedro II totalizam um capítulo da história dessa instituição. Arquivos mnemônicos de valor inestimável como patrimônio material e imaterial, os informes registrados e averbados pelo escritor em *Balão cativo* sincronizam memória pessoal e coletiva, como no excerto:

Quem? jamais desconfiou do autor das pedradas no sino de bronze do térreo (que víamos das janelas de cima do poço de ventilação) que assim gongava madrugada alta. Pois era eu e só parei a brincadeira na noite em que divisei, embaixo, olhando para mim, um velho majestoso, barbas brancas, olhos muito azuis e sobrecasaca fosforescente. Na hora, bem que pensei que fosse o fantasma de Dom Pedro II. Depois vi que isto era besteira, que aquilo só podia ser o Seu Néelson, entrevistado na escuridão. Há pouco li que os sinos do Internato e do Externato só serviam para anunciar a entrada, na Rua Larga de São Joaquim ou no Campo de São Cristóvão, do patrono da nossa Casa. Tive um arrepio retrospectivo: eu tinha visto, claramente vista e invocada por mim, a Sombra Augusta do Imperador (Nava 1977: 328)

O comentário de Nava após o relato permite inferir a transcendência da experiência lembrada sobre a experiência vivida, causando “um arrepio retrospectivo” ao ser presentificada. Suscita, igualmente, o efeito momentâneo de rompimento da estrutura temporal da consciência, fator que propiciaria a reprodução da aparição, “claramente vista e invocada” – para o escritor, através da memória e para o leitor, através da imaginação.

Conforme Jack M. Greenstein (1992: 16) recordou, na Antiguidade, o significado da história era poético ou retórico. Qualquer que fosse a importância da história, esta era contada para transferir sua natureza artística ao discurso literário, no qual eventos do passado seriam recontados. Quando no século 50 a. C. a história emergiu como um conceito substantivo, ela já possuía uma conotação literária. O termo *historia* (ἱστορία) deriva de *histor*, palavra grega que designa a atividade da testemunha ou juiz qualificado para discernir o relato confiável em uma matéria disputada, concernente a pessoas, coisas ou eventos, ainda que os não tivesse presenciado.

Contudo, instâncias desse uso na literatura grega são raras e a palavra logo assumiu significação diversa. Apesar de designar as autópsias – literalmente, o ato de ver com os próprios olhos – e inquéritos do *histor*, *historia* veio a denotar o resultado ou produto de uma investigação. A partir desse momento, o novo sentido de *historia* investe a palavra história com a ambiguidade retida pelo termo, ao manifestar a informação fidedigna expressa pelo historiador e a forma literária do relato escrito, na qual esta informação se apresenta. Para o memorialista, a realidade da história é muitas vezes secundária ao transcrever a percepção da experiência pelo processo criativo da imaginação, como referiu o próprio Nava em entrevista ao *Pasquim*: “O menino tem um mundo meio mágico, meio estranho. Convivemos com as histórias



que nos contam, e assimilamos aquilo como verdade, dando corpo. Minha mãe mesmo dizia: Mas você não pode lembrar disso. Ouviu contar ou imaginou” (Dines; Ziraldo 1981: 11).

As passagens ensaísticas da obra de Nava alternam explanação e narrativa de modo complementar, adotando uma perspectiva hermenêutica da memória. Nos relatos vistos nesses excertos, os espaços (onde estariam o ilusório e o histórico, o aparente e o real, a fabulação e a história) esvaziados pela memória são preenchidos pela imaginação.

## OBRAS CITADAS

BAUDELAIRE, Charles. “A musa venal”. *As Flores do Mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 126-127.

BROWN, Megan. *American autobiography after 11/09*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2017.

DINES, Alberto; ZIRALDO. “Pedro Nava no viço de seus 78 anos: lembrar dói e incomoda”. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 635, ago/set., 1981, p. 11-15.

EVE, Martin Paul. *Literature Against Criticism: University English and Contemporary Fiction in Conflict*. Cambridge: OpenBook, 2016.

GREENSTEIN, Jack M. *Mantegna and Painting as Historical Narrative*. Chigago: The University of Chicago Press, 1992.

GREGORY, Eileen. “Clio: Muse of History – Things Are They Are”. Gail Thomas, ed. *The Muses*. Dallas: The Dallas Institute Publications, 1994, p. 112-120.

LIMA, Augusto de. O inquisidor. In: *Poesias: Contemporâneas – Símbolos – Laudas Inéditas*. Coleção Afrânio Peixoto. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Publicações da ABL, 2008, p. 17. Disponível em: [www.academia.org.br/sites/default/.../poesias\\_-\\_augusto\\_de\\_lima\\_-\\_para\\_internet.pdf](http://www.academia.org.br/sites/default/.../poesias_-_augusto_de_lima_-_para_internet.pdf). Acesso em: 18/09/2017.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

———. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

## OBLIVIOUS PROSE AND VERSES IN *BALÃO CATIVO*, BY PEDRO NAVA

ABSTRACT: Personal memories are conventionally viewed as a field devoted to the conservation of past. But recently, controversies and researches have arisen regarding the representation of fiction and non-fiction in autobiography, biography, memoirs and “witness literature”. Pedro Nava’s memoirs offer particular glimpses to characterize the function of memory in his creative process and effort to reconstruct the past. The formation of a reader, another question examined by the memoirist, has implications for studies in culture, history, social memory and literature. This essay aims to expose accounts and essayistic digressions presents in *Balão cativo* (1973) referents to the theme of literary initiation by pointing out some authors, influences and literary works that contributed to Nava’s first reading experiences. The comparative analysis of such excerpts suggests that the author seeks to

evoque histories and reminiscences to connect events of the past with biographical profiles and questions on poetry, prose, emotions, and personal identity.

KEYWORDS: *Balão cativo*; literary initiation; Pedro Nava.

Recebido em 20 de setembro de 2017; aprovado em 2 de dezembro de 2017.